

**Futebol: o verdadeiro teatro da existência**  
**Marcelo Backes lança seu segundo romance “O último minuto”**

Lançamento

**O último minuto, livro de Marcelo Backes**

Com Marcelo Backes, Milton Ribeiro, Joana Bosak e Elena Romanov

Dia Dia 6 de junho, quinta-feira, às 19h30

Entrada franca

StudioClio – Instituto de Arte e Humanismo

José do Patrocínio 698, Cidade Baixa – Fone (51) 3254 7200

[www.studioclio.com.br](http://www.studioclio.com.br)

A obra “**O último minuto**”, de **Marcelo Backes** será lançada em sarau literário, no StudioClio. No dia 6 de junho, quinta-feira, às 19h30, o autor apresentará ao público seu segundo romance, publicado pela Companhia das Letras.

Em romance denso e cheio de lirismo, Marcelo Backes conta a história de um ex-treinador de futebol que, dentro da prisão, relata sua história de vida a um missionário enquanto busca sentido para o crime que cometeu. Ao tentar dar conta de sua própria biografia, João alternará passado e presente e se perderá em inúmeras digressões, fugindo do assunto central e embarcando em longos discursos sobre futebol para não encarar a realidade de seu crime.

Através do monólogo virulento de um homem desesperado, Marcelo Backes conduz o leitor pelo interior do Rio Grande do Sul, com suas famílias patriarcais que valorizam a honra e o trabalho duro, passando pela Suíça hipercivilizada e pelo Rio de Janeiro dos dias de hoje. Os caminhos traçados pelo personagem contém também muito da história do autor que, sendo natural de Campina das Missões (RS), mora no Rio de Janeiro, onde trabalha como professor na Casa do Saber desde 2007.

Participarão do sarau de lançamento, o jornalista **Milton Ribeiro** e a professora **Joana Bosak** que discutirão com o autor a voz da prisão em autores como Vladimir Nabokov, Fiódor Dostoiévski, Ernesto Sabato e Graciliano Ramos. Pra encerrar a noite, a violinista **Elena Romanov** executará a sonata op. 115, de Sergei Prokofiev.

Também no StudioClio, o escritor conduzirá o curso “A literatura é uma viagem”, em que explora filosófica, histórica e psicologicamente o complexo mundo de alguns dos principais autores de todos os tempos. Desde a Viena das páginas de Schnitzler, a Praga de Kafka e a Paris de Proust, à São Petersburgo de Dostoiévski. Saiba mais: [http://bit.ly/viagem\\_literaria](http://bit.ly/viagem_literaria). O StudioClio fica na Rua José do Patrocínio, 698 – Cidade Baixa. Mais informações pela página [www.studioclio.com.br](http://www.studioclio.com.br) ou pelo telefone (51) 3254 7200.

**Sobre o autor**

Marcelo Backes é escritor e tradutor, nascido em Campina das Missões (RS), em 1973, professor na Casa do Saber do Rio de Janeiro desde 2007. É autor dos romances *Três traidores e uns outros* (Record, 2010) e *O último minuto* (Companhia das Letras, 2013), entre outras obras. Doutor em Germanística e Romanística pela Universidade de Freiburg, Backes verteu ao português mais de 30 obras da literatura alemã, entre clássicos e contemporâneos como Goethe, Schiller, Arthur Schnitzler, Franz Kafka, E.T.A Hoffmann e Ingo

Schulze.

### **Informações sobre a obra**

Romance - "O último minuto", de Marcelo Backes

Capa - warrakloureiro

Páginas - 224

Formato - 14 x 21 cm

Tiragem - 3000 ex.

Preço

R\$ 38,50

R\$ 27,00 (e-book)

ISBN e código de barras

978-85-359-2265-3

### **Resumo da obra:**

"João, o Vermelho, treinador de futebol, confessa na cadeia, abrindo as cortinas de sua alma diante de um seminarista desconhecido na tentativa de compreender porque cometeu o crime terrível que o levou para trás das grades. Ele não ama o filho e não o perdoa por não ter talento, mas acaba escolhendo-o como titular por culpa, uma culpa ancestral, deixando um centroavante talentoso na reserva, antes mesmo de saber que este, rival do filho, também destruiu a vida dele, do pai, numa rivalidade ainda mais íntima. O seminarista, que de sua parte não consegue amar o próprio pai, apenas ouve, apesar de também ter suas perdas (como a do trecho abaixo), enquanto vai se aproximando cada vez mais do estranho homem à sua frente, que não para de contar. Na decisão do campeonato, o treinador se mostra justo pela primeira vez, escolhe o centroavante talentoso em lugar do filho, e logo em seguida, depois de constatar que sua escolha foi um sucesso, faz o sangue rolar com suas próprias mãos. Um palhaço se revolta de repente, ao perceber que o futebol, que tomara o lugar de sua vida, também só lhe trouxe desgraças e decepções. Durante o périplo da fuga, o treinador ainda desvenda o Brasil e suas mudanças mais recentes, mostrando que o futebol funciona como a metáfora mais perfeita da vida e ajuda a compreender o mundo inclusive em suas manifestações mais complexas e contemporâneas."

Alguns trechos do romance:

"Enquanto todos corriam pra ele, assustados, sem saber por que ele caía, eu gritava chamando um médico, e aproveitava o burburinho pra ir me afastando sem estardalhaço e correr ao vestiário, onde iria me limpar. Quem enxergou o sangue certamente não cogitou o punhal na minha mão. Só meu filho me viu saindo, sempre acusador, bem-te-vi que não largava do meu pé, e quando percebi que ele ia gritar, não pude deixar de sacar discretamente o revólver que trazia bem carregado no arsenal que levava preso ao cinto, junto às costas, encoberto pela camisa larga, e apontar pra ele. Apontei meu revólver pro meu filho, meu filho. A boca aberta permaneceu muda naquela cena que se desenrolava apenas entre nós dois, e eu vi que ele vivia o pior dos pesadelos."

"Em seguida adentramos a câmara fria, a câmara mais fria, e o próprio mulato, que já levaria o corpo, levantou um plástico hospitalarmente verde e eu não reconheci meu pai, porque aquele não era meu pai, e eu pensei que tivesse havido um engano, sim, um engano, que ele ainda estava vivo, e logo disse que havia um engano, que meu pai não havia morrido, porque aquele definitivamente não era o meu pai. O mulato, olhando pra mim e depois pro rosto daquela mulher que também mostrava todas as marcas de um susto, enfim volveu seus olhos pro morto e constatou o engano, afinal de contas dava pra ver na pele do corpo

sobre a bancada que ele estava bem mais pra pai dele do que pra meu pai, pediu desculpas, dizendo talvez treinadamente que a morte estava em todo lugar, e me levou ao estrado seguinte. E então eu, que realmente já pensava que meu pai talvez ainda estivesse vivo, vi."

"Ele vira e se encolhera, depois não vira mais nada, e simplesmente voltara, fingindo continuar a espera que agora sabia bem motivada. Ela e o centroavante reserva, o centroavante reserva e ela, na maior titularidade em cima de um banco mal estofado, tripas de espuma saltando pra fora, amarelo esfarrapado em meio ao preto, trapos e cobras, e dois corpos no maior movimento em cima, fazendo o animal de duas costas, plantando mandioca de quatro, mandando ver o que ele viu e jamais queria, jamais deveria ter visto."

"E eu não poderia lhe dizer mais nada, eu nem poderia me abaixar a seu ouvido com algum consolo como fazia quando estava moribundo, quando parecia inclusive pior do que agora em seus estertores, porque ele não ouviria mais nada, definitivamente não ouviria mais nada, nada do que eu fizesse adiantaria mais alguma coisa, nada mesmo, e eu não poderia nem acertar os ponteiros com ele, pedir as desculpas que não lhe pedi pelo distanciamento de tantos anos, dizer que senti muitas vezes o que ele fazia e o que ele sentia, e que só por birra busquei outros caminhos. Mas, meu pai, eu não queria te ver banido, desterrado. Por que a desgraça foi maior que a minha súplica? Eu queria te presentear ainda com o dia de amanhã, te dar orvalho pra beber, cozinhar arroz com açafrão, pescar um merlim-azul pra ti. Prometo comprar um canário pra te acordar, ao romper da aurora, já que os sabiás não sabem cantar nessa cidade."

"Até os fios da iluminação rural, cigarras elétricas, às vezes cantavam a desgraça do lugar, zunindo num lamento sem fim, enquanto as árvores choravam sua resina e o sol torrava o chão, treinando a paciência de quem nascera pra aguentar e conhecia a dor de matar à míngua gatinhos que só incomodariam, que não podiam viver porque não havia ratos pra tantos felinos, porque se reproduziam como coelhos, mas não eram coelhos, que serviam pro abate. Matar era até natural, pior era fazer como alguns desalmados faziam, inclementes, malvados, que jogavam os gatinhos da produção excessiva em algum açude, onde eles, que haviam acabado de nascer, morriam de um misto de fome e cansaço, no desespero dos miados, porque já sabiam nadar, embora às cegas, enquanto um molha-o-cu, era esse o nome feio que se dava na roça à libélula, uma palavra tão bonita, sim, enquanto um molha-o-cu, um molha-o-cu atrás do outro tocava a superfície das águas com a parte referida, sem mergulhar, nem ajudar."